

**Letras**



# Ana em amor: um novo olhar sobre as amarras familiares

Maria Helena Ferage Ferreira Aguiar\*  
Sônia Marta Coelho Pereira\*\*  
Terezinha Cristina Campos de Resende\*\*\*

## RESUMO

No conto Amor, de Clarice Lispector, Ana é uma mulher com a rotina típica de uma dona-de-casa da classe média burguesa da década de cinquenta. Na freada brusca de um ônibus, Ana percebe a pacatez de sua rotina ao ver um cego mascarando chiclete. A cegueira do homem confronta Ana com sua submissão aos estereótipos sociais.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. Ana. Amor. Passante. Novo olhar.

## ABSTRACT

In Love story, by Clarice Lispector, Ana is a typical woman with a housewife routine of middle-class fifties bourgeois. When a bus stopped suddenly Ana realizes so quite is a routine of her life and sees a blind man chewing gum. The blind man faces Ana with her submissiving social stereotype

**Keywords:** Clarice Lispector. Ana. Love. Passers-by. New look.

---

\* Professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. Mestranda em Literatura Brasileira (CES/JF)

\*\* Professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. Mestranda em Literatura Brasileira (CES/JF)

\*\*\* Professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. Mestranda e da Faculdade SENAI de Tecnologia de Juiz de Fora. Doutora em Linguística (UFRJ).

“Cada dia tem muitos dias, dia após dia. Caminhamos através de nós, encontrando ladrões, fantasmas, gigantes, velhos, jovens, esposas, viúvas, irmãos em amor. Mas é próprio de nós que nos estamos sempre a encontrar.”

James Joyce

Clarice Lispector, que diz não ser escritora, mas alguém que necessita colocar histórias no papel da mesma forma como precisa de água para viver, é difícil de ser definida, pois, como disse Antonio Callado (apud PONTIERI, 2004), ela é enigmática; para Carlos Drummond de Andrade (apud PONTIERI, 2004), insolúvel e, segundo o jornalista Paulo Francis (apud PONTIERI, 2004), ela não fazia literatura, mas bruxaria.

Nascida na Ucrânia, em 1925, emigrou com a família para o Brasil e passou a infância no Recife. Quando sua mãe faleceu, mudou-se para o Rio de Janeiro, juntamente com sua família, tendo então 12 anos. Em uma entrevista dada ao jornalista José Castello, em maio de 1976, Clarice diz que guarda o sotaque de Pernambuco, pois quem viveu no Norte do Brasil, tem a fortuna de ser brasileiro muito especial, demonstrando seu imenso carinho pelo local onde se iniciaram os primeiros esboços de seus contos. Formou-se em Direito e escreveu para vários jornais cariocas. Em 1943 casou-se e, para acompanhar o marido diplomata, morou em vários lugares do mundo, por aproximadamente 15 anos.

Com o término de seu casamento, voltou ao Brasil e passou a viver com seus filhos na cidade do Rio de Janeiro. Em 9 dezembro de 1977, faleceu na véspera de seu aniversário.

Clarice Lispector escreveu suas personagens em profunda tensão entre o vivido, o social e seus pensamentos e vontades. Em sua grande maioria são femininas e buscam a reflexão interna como forma de rever, de tecer e de destecer seus medos, angústias, solidões, vidas, para de alguma forma dar mais sentido a essas vidas, de forma a não serem apenas figurantes nos laços de família, que muitas vezes se mantêm em linha tênue entre o entrelaçamento e o desfazer-se em fragmentos, em um sendo um, e a relação familiar existindo apenas como mero plano social.

Em 1960, já sendo uma autora consagrada de vários livros, contos e colaboradora de jornais, lançou o livro **Laços de Família**, que contém 13 contos e tem como foco central o processo de aprisionamento dos indivíduos envolvidos

em suas prisões domésticas, em seus cotidianos familiares. Os personagens desses contos perpassam como figurantes e não como protagonistas de suas próprias vidas. A autora faz da literatura um espelho da alma, cuja imagem refletida não é a imagem vivida.

Nosso objetivo neste trabalho é focar o conto "Amor", inserido em **Laços de Família** (1995, p. 29-41). A narração retrata uma personagem, Ana, como a mulher idealizada da época em que o conto foi escrito, década de 50. Ela é a dona de casa, casada, da classe média urbana, que deve cuidar do marido, dos afazeres domésticos e dos filhos, sempre linda, cheirosa e pronta para atender a todos. Cuidava de todos os afazeres com amor típico de uma pessoa sensível, como convinha ao nome Ana, que em hebraico significa "pessoa benéfica, piedosa".

Em um determinado dia, quando voltava para casa, impressiona-se com um cego mascando chicletes. O bonde onde estava dá uma freada brusca e os ovos que carregava, em cesta confeccionada por ela mesma, caem e se quebram. No quebrar dos ovos sente quebrar sua paz interior tão duramente conquistada.

Transtornada com a visão do cego e os ovos partidos, desce perto do Jardim Botânico que faz com que ela veja seu inferno interior em contraste com a beleza daquele jardim.

Ao chegar em casa, percebe-se diferente, algo havia se quebrado, transformado-se em seu interior. Após o jantar, com convidados naquela noite, o marido a leva ao quarto para dormir. Não era essa a atitude do marido normalmente, mas naquele dia tudo estava diferente. Diante do espelho, ela penteia os cabelos e, antes de se deitar, apaga a chama da vela.

Neste confronto de uma casa organizada, filhos bons e verdadeiros que cresciam mal criados, já começa a despontar a mulher que se enquadra no que se é esperado dela, mas, Ana tem angústias e traições de pensamentos que a levam a crer que é feliz e precisa demonstrar esta felicidade para sua família, pois nada lhe falta, não tem do que reclamar.

Ana depara-se consigo mesma através de outra imagem e, a partir daí, começam a surgir tormentas existenciais que fazem com que a personagem (ou o narrador) entre em uma profunda análise da sua vida, dos seus pensamentos, do seu interior, aonde vão sendo apresentados aspectos psicológicos da personagem.

Clarice utiliza-se de técnicas narrativas que abordam os fluxos de consciências, as digressões, para mostrar-denunciar o conflito histórico subjacente à época, década de 1950-1960, em que a mulher começa a pensar se sua vida deveria ser para o outro, casa-família-marido-crianças ou se ela poderia ser protagonista de sua própria estória.

Suas narrativas são escritas com um ritmo lento de movimentações, como demonstra o trecho a seguir: “Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação [...]”. (LISPECTOR, 1995, p. 31). A escritora parece querer mostrar essa mulher solta, isolada na multidão urbana. Em outras palavras, a multidão é o espaço dos abandonados. (POE, 1986). Nessa dualidade de uma vida organizada e feliz, a personagem passa por momentos de extrema guerra interior levando-a a se auto-questionar e fazendo-a trilhar caminhos que a levaram até sua epifania, como se verá adiante.

Clarice denuncia um momento sócio-histórico em vários de seus contos, inclusive neste, pois sua personagem Ana, apesar de não lhe faltar nada, não é totalmente feliz, mas para a sociedade, o marido, a família, deveria sê-lo. Ana nos diz isso claramente quando a narradora declara que:

O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera. (LISPECTOR, 1995, p. 30).

Uma epifania começa a tomar corpo na personagem que, ao se deparar com um cego mascando chicle na rua, vê naquele homem cego, mas de olhos bem abertos, a escuridão e a cegueira ficcional de sua vida. Ela reluta contra esses pensamentos, pois “[...] ainda teve tempo de pensar por um segundo que o irmão viria para jantar”. (LISPECTOR, 1995, p. 32). Apesar de grandes mudanças internas, em suas entranhas, nas cascas dos ovos de seus pensamentos que se quebram, Ana ainda se prende à realidade. Querer ser protagonista da vida é difícil, não seria melhor se preocupar com a casa, com o jantar, com o marido?

Aquela visão do cego feliz, na escuridão de sua deficiência, livre, na rua e a sorrir com seu chiclete a insultava no mais profundo de sua alma. Puxava-a de sua vidinha sempre igual e a fazia querer mais. O bonde, em uma arrancada súbita, como abrupto batia seu coração, seus sentimentos e suas certezas, fez cair sua sacola, despejando tudo ao chão e quebrando as cascas dos ovos, tão frágeis quanto suas convicções. Ana passa, e muito, do ponto de sua descida, com aqueles sentimentos todos que, até então, guardados, acondicionados, limpos por tanto tempo envoltos naquelas cascas, desfazem-se. Ela desce próximo ao Jardim Botânico, “[...] segurando a rede suja de ovo”, aquela sujeira, aquela consciência de vida, sujara “a rede”, sujara a alma, grudava como ovo quebrado aos pensamentos de Ana, impondo-lhe como que a lhe perfurar a vida e o corpo, num confronto entre o vivido e o queria viver, o que se é e o que se poderia ser. Usando as ideias de Poe (apud CHAUI, 1988), Ana é aquela que vai buscar esclarecer o obscuro ou reprimido que afinal se revela. Ela passa tempos sentada no banco próximo ao jardim zoológico, vendo emergir toda sua vida, sua rotina, sua casa e se sente mais cega que o cego mascando chiclete.

Após longo tempo sentada naquele banco, Ana revive seus momentos de vida e de passante pela vida e de protagonista de seu viver, quando solteira, passa a coadjuvante numa vida conjugal. Ela percebe um lobisomem a chamá-la como ele é chamado pela Lua. Ela vê e quer transformar-se como os lobisomens em noites de Lua cheia, que saem de suas vidas rotineiras e realizam seus desejos mais profanos, sem se culpabilizar, pois não é o homem quem atua, mas o lobisomem. Ana não podia reconhecer esses sentimentos em si, pois “[...] não era com esse sentimento que se iria a uma igreja”. (LISPECTOR, 1995, p. 39).

O jardim, nesse contexto, pode representar, segundo Telles (2006), um prazer intenso, decorrente da ruptura, da quebra das amarras que a mantinham presa a um cotidiano seguro. De fora, vê extirpada a intensidade da vida, no Jardim Botânico, local de sua parada e da reviravolta de seus pensamentos, do confronto entre o vivido e a vida que se mostra. Compara-se o Jardim Botânico ao jardim do Éden, sugerindo como um local idílico de perfeita felicidade, onde a plenitude de seus dias a levaria a uma vida feliz, deixando para trás o pensamento de Ana que “sem felicidade se vive”. (LISPECTOR, 1995, p. 30).

Quando volta para casa vai para a cozinha preparar o jantar para os convidados que estão a chegar, mas a vida já não é a mesma, a casa transformara-se, mas as pessoas à sua volta continuavam dispostas a não verem defeitos, a não discordarem, cansadas e felizes em não discordar.

Ao se ver novamente sozinha, quando todos já se foram e as crianças dormiam, ela ouve um grande estouro e vai correndo até a cozinha. Nesse estouro, ela se reencontra com sua vida: seu marido desajeitado derramou o café no fogão. Ele percebe algo diferente na mulher e com um afago a leva para dormir, de uma forma que não era normal antes. Ana se deixa levar para o quarto, para a rotina, para a vida de dona-de-casa, de mãe, de esposa que sempre tivera.

A pequena chama daquele dia é soprada, é apagada para que todos possam dormir como sempre. Será que um clamor interno tão forte é possível apagar-se de forma tão simples? Será Ana a mesma ao levantar-se no dia seguinte e recomeçar suas tarefas e a vida cotidiana onde “sem a felicidade se vivia”. (LISPECTOR, 1995, p. 30)

A personagem Ana questiona a moral coletiva, externa, patriarcal que, inculcada na sociedade por décadas, passa a ser a verdade. Clarice, utilizando-se de metáforas expressivas e poéticas, prima pela originalidade, também nesse conto, “Amor”. A autora rompe com a narrativa referencial ligada a fatos e acontecimentos, fazendo emergir uma narrativa interiorizada, em uma linguagem paradoxal no nível do pensamento da ideia. Ela incomoda a muitos leitores com seus textos, pois faz o leitor sentir-se como Ana, vendo os ovos quebrarem em nosso interior, onde se pode estabelecer o jogo dialético entre ser livre e ser aprisionado; onde se pode ou não se desprender dessas cascas ou continuar na doce segurança cotidiana.

A Ana do conto Amor como a grande maioria dos personagens de Clarice Lispector faz uma narrativa interiorizada que se sente sedenta por espaços mais igualitários na sociedade (década de 60), e em determinados momentos de clímax encontra a epifania que busca para poder mais fortalecida, compreender melhor o mundo. Os contos claricianos terminam em aberto, levando o leitor a se questionar, a busca pelo espaço social. Ou, apesar da luz que se abre aos personagens, eles continuam conforme lhes são impungidos pelos laços de família. Desta forma, ler Clarice é também ler nosso interior, nossas amarras, nossas escuridões, o que nem sempre é muito fácil e agradável. Pode significar criar uma alma livre, pois a escritora propõe a libertação de estereótipos impostos pela sociedade, incentiva a busca de uma vida plena através da reflexão do que cada indivíduo deseja para si mesmo.

Clarice leva o leitor a ter um novo olhar de seu cotidiano, a pensar em ir ao encontro de seus sonhos com a quebra de suas amarras.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev e ampl. Maringá: Eduem, 2009

BORGES, Telma. A caosmogonia do amor em Clarice Lispector. **Verbo de Minas: Letras** - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação, Juiz de Fora, v. 6, n. 11/12, p. 61-69, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CHAUÍ, Marilena . Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Aduino (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família: contos**. 28. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. Amor nos tempos urbanos: os passantes e o olhar perverso. **Verbo de Minas: Letras** - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação, Juiz de Fora, v. 6, n. 11/12, p. 23-34, 2007.

POE, Edgar Allan. O homem na multidão. **Contos**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1986.

PONTIERI, Regina (Org.). **Leitores e leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Hedra, 2004.

